

de Sol a Sol

Aos leitores

Um concurso lamentável de circunstâncias impediu, desde 15 de Agosto último, a saída de *Sol Nascente*. A ausência da maior parte dos elementos do grupo editor durante o período de férias, o demorado cumprimento de certas formalidades burocráticas e muito especialmente as dificuldades financeiras com que esbarra sempre uma publicação desta natureza, foram as principais. Com o novo ano lectivo cessou a primeira causa desta irregularidade. Ora *Sol Nascente*, — a revista do pensamento jovem — ocupa um lugar que não poderi ficar vago. Todos sabem a importância que tem a existência de um jornal da juventude, que represente um eco vivo dos seus anseios e das suas necessidades. Por isso, reaparecemos hoje mais dispostos que nunca a continuar a nossa acção, a nossa luta. Novos elementos se nos juntaram. E assim, unidos, mais facilmente podemos assegurar-lhe regularidade e trabalhar para o seu melhoramento progressivo.

Procuraremos criar novas exigências no público, sem contudo descurar as actuais e trataremos de pôr todo o cuidado na escolha da colaboração — tanto de «ideia» como artística. Contamos já com o apoio de novos e valiosos colaboradores.

Sol Nascente continuará, pois, a sua missão. Esta convicção vem-nos também da certeza de que vós, leitores, nos auxiliareis eficazmente, angariando novos assinantes e criando à volta de *Sol Nascente* um ambiente de simpatia e interesse.

Ficamos aguardando os resultados das vossas actividades.

CRIACIONISMOMANIA...

Não existiam, sem dúvida, antes de criados, o Parthenon e a Vénus de Milo, a 9.^a Sinfonia e a Gioconda: foram, sem dúvida, criados. Criando o homem ajunta qualquer coisa ao Universo, mesmo ao Universo Infinito, e como tal o homem ergue-se acima do próprio Deus...

Criar, poder divino do artista, que do Nada faz Infinitos: Demiurgo da Matéria, que com a matéria faz Mundos de Espíritos, Universos transcendentos...

Etc...

Etc...

—Certamente! Indiscutível! Sômente, repara, o fazedor de Lugares Comuns, que a criação é acto, e que o acto, como tal, é uma resultante condicionada e como tal elo de uma cadeia de fenómenos.

Criação, no pensar implícito de muitos, é acto *expontâneo*, ex-nihilo, criação a partir do nada, acto com um começo absoluto, com origem em si próprio, incondicionado: — acto, numa palavra, metafísico, absurdo, contraditório, sem sentido.

O homem, numa palavra, cria, como as árvores criam os fructos, como os animais as suas «crias»: exactissimamente por um processo análogo.

A criacionismomania é pois um puro jogo de palavras, um sofisma e um amontoado de lugares-comuns. E isto porque o criacionismo sem acto de origem absoluta, com um começo em si próprio, determinado por uma vontade não condicionada, é puro fantasma: e como tal carácter, tal absoluto, tal indeterminação, um puro absurdo. Criação *metafísica* é uma coisa sem sentido; criação *empírica* é a negação da criação...

A «FALANGE» E O RACISMO

Diz a «Falange» que não admite o racismo filosófico nem o racismo biológico: e isto pela razão estupefaciente de que o sangue não pode dominar o espirito. «Mas é precisamente por não sermos partidários do racismo, por não reconhecermos o valor do sangue, mas sim o do Espirito que somos essencialmente inimigos dos judeus. Em nome dos direitos de Deus e da grandeza católica do Estado: expulsão em massa! Há cinco séculos, muito antes de qualquer outro país, a Espanha ensinava esta sã doutrina e não está disposta a esquecê-la, agora que é necessário fechar as fronteiras ao inimigo». E o «Manifesto» da Falange recorda que, para J. Primo de Rivera, «o problema judaico nunca será um problema de raça, mas sim um artigo de fé».

Temos assim, inventado pela «Falange», um Racismo de Fé...

No seu género, como o Corcunda, é perfeitíssimo...

FILMES PORTUGUESES

Exibiu-se nesta época, num dos cinemas do Porto, o filme português *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Nada diremos dele porque obras como esta não merecem sequer o tempo que se perde a falar delas. Não deixaremos, contudo, de fazer notar que não se deve abusar da complacência do público. Ele está farto de experiências, na sua maioria inqualificáveis e infelizes, e dos constantes apêlos ao patriotismo.

Senhores produtores do cinema nacional: — não será tempo de dar lugar à competência?

Esperemos que os novos filmes que se anunciam dignifiquem o cinema português, se assim se pode chamar ao conjunto de 2 ou 3 filmes de incontestáveis méritos.

PREMIO NOBEL DE LITERATURA

Para o ano de 1938, o Prémio Nobel acaba de ser conferido à escritora americana Pearl S. Buck, pelo seu triptico sobre a China.

Depois de Sinclair Lewis (1930) coube agora a Pearl Buck levar mais uma vez para a América a honra de um Prémio Nobel de literatura. Os seus livros, três romances sobre a China onde ela viveu desde criança constituem uma obra forte, cheia de verdade e beleza.

Conhecida em Portugal através da adaptação cinematográfica dum dos seus livros (*Terra Bendita*) ela era no entanto já apreciada em todo o mundo (em França todos os seus livros estão traduzidos).

O Prémio Nobel não veio, pois, lançar Pearl Buck (a quem já nos referimos por mais de uma vez) na celebridade. Veio, sim, premiar justamente a autora de uma das obras mais ricas e mais profundamente humanas da nova literatura dos nossos dias.

EM RODA LIVRE...

O poeta sr. Cândido Guerreiro, numa carta publicada no último número de *Ocidente*, confessa ter incluído no seu livro de «Sonetos», ligeiramente modificados e com a ordem alterada, dois do poeta sr. Santiago Presado, os quais ele ignorava terem sido publicados, mas tinha em tempos ouvido ler. E sugere, com a maior lealdade, dever tratar-se de um plágio inconsciente, que profundamente lamenta.

Ora, querendo o sr. Alvaro Pinto, em comentário à dita carta, demonstrar que o livro de «Sonetos» não pertence ao sr. Cândido Guerreiro, estabelece o seguinte raciocínio:

«Se há no livro sonetos dele e sonetos doutrem o livro, evidentemente, não lhe pertence. O sr. C. G. seria capaz de vender um prédio de 10 andares se fôsse apenas dono de 9? E porquê? Porque a casa não lhe pertencera. O sr. C. G. seria capaz de chamar água pura a um almude do precioso líquido a que tivesse juntado meio litro de vinagre? Por serem apenas alguns sonetos os plagiados — o sr. C. G. pretende estabelecer a distinção en-

tre plágio pequeno e plágio grande? — Poderemos admitir que um adultério de meia hora por mês é coisa de pouca monta? — Respondam os juristas.»

Analisemos atentamente a sólida argumentação do sr. Alvaro Pinto. «Se há no livro sonetos dele e sonetos doutrem o livro, evidentemente, não lhe pertence». Eis aqui a base das penetrantes deduções do sr. Pinto. Mas nós perguntamos: não poderá inverter-se a proposição? E então diremos: «Se há no livro sonetos plagiados do sr. Santiago Presado e sonetos do sr. Cândido Guerreiro, evidentemente, o livro não pertence ao sr. Santiago Presado!». E, chegamos à conclusão de que ambas as afirmações são verdadeiras. Não são, porém, igualmente verdadeiras. Ao passo que o sr. C. G. tem 110 sonetos no livro, o sr. S. P. conta lá apenas dois — e ligeiramente modificados. Já vê o sr. Alvaro Pinto que as coisas não são bem como se pinta. Ora, em vista do exposto, considerando o sr. C. G. titular da maioria dos sonetos, adjudicamos a propriedade do livro ao mesmo sr. C. G.

E já com isto fica tornada inútil toda a persuasiva argumentação do sr. A. P. De resto, não nos cumpre analisá-la. A água com vinagre é com o Inspector de Saúde e o adultério de meia hora por mês (o sr. Pinto lembra-se de cada uma!) é com os juristas, que o próprio sr. Pinto invoca.

Quanto a distinção entre plágios grandes e pequenos, ela tem a maior das importâncias, embora o sr. Pinto imagine que não. Vejamos: o sr. A. P., por hipótese, publicava os *Lusíadas* com o seu nome. Nada mais natural e possível, não é verdade? Pois bem. Nós chamaríamos a isso um plágio grande, enorme — em dez cantos! Mas, por absurdo, o sr. A. P. escrevia uma epopeia do tamanho dos *Lusíadas*, em que, a par de estrofes notáveis, se descobrissem trinta versos de Camões, reproduzidos *ipsis verbis*. A isto chamaríamos nós um plágio pequeno. Pela certa, todos pensariam: transcrever os *Lusíadas* na íntegra seria muito pior, pois assim, ao menos, ainda se contam na epopeia do sr. A. P. inúmeras estrofes de inatacável valor.

Em vista o que foi dito, nós consideramos «pequeno plágio» o plágio inconsciente do sr. C. G., lamentando não podermos estar de acôrdo com o sr. A. P.